

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ANDRELE VIEIRA CERENTINE**

**INFÂNCIAS, ENCONTROS E BRINCADEIRAS**  
**Projeto Ludere – Uma Experiência Que Convida**

**São Leopoldo**  
**2018**

ANDRELE VIEIRA CERENTINE

**INFÂNCIAS, ENCONTROS E BRINCADEIRAS**  
**Projeto Ludere – Uma experiência que convida**

Relato de Experiência apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profa. Msa. Rosane Romanini

São Leopoldo

2018

## INFÂNCIAS, ENCONTROS E BRINCADEIRAS

### Projeto Ludere – Uma Experiência Que Convida

Andrele Vieira Cerentine\*  
Rosane Romanini\*\*

**Resumo:** Este trabalho de conclusão de curso consiste em um relato de experiência do Projeto de Educação denominado “Projeto Ludere”. O Projeto Ludere é destinado a crianças e seus familiares e acontece na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Apresenta-se as três formas de organização do projeto: A primeira ocorre em local fechado com crianças de diferentes idades e sem seus familiares. A segunda ocorre na praça com crianças de diferentes idades e com seus familiares. A terceira ocorre na rua com crianças de diferentes idades e seus familiares. O trabalho tem como objetivo elucidar a importância do brincar para as crianças, do contato delas com a natureza, de sua ação de ocupar espaços públicos na cidade, como praças e ruas; além de salientar o direito de brincar das crianças e o significado deste brincar na/para infância. Para embasar legalmente este trabalho, pesquisou-se leis que sustentam o direito de brincar, dialogou-se com autores e observou-se a linguagem das crianças através das expressões corporais, alegres, criativas e faladas, nos encontros do projeto. Com essa experiência brincante, percebeu-se que é preciso garantir a oferta de espaços seguros e lúdicos para o brincar das crianças, tendo em vista que os encontros e as brincadeiras trazem inúmeros benefícios para a vida das crianças e, em consequência, de seus pais, educadores e da sociedade como um todo. Por isso destaca-se essas experiências de brincadeiras e encontros ao ar livre e em contato com a natureza como fundamentais para uma infância saudável e feliz.

**Palavras-chave:** Brincar. Crianças. Natureza. Projeto Ludere.

---

\* Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS. E-mail: [andrelecerentini@hotmail.com](mailto:andrelecerentini@hotmail.com)

\*\* Mestre em Educação pela linha de pesquisa em Políticas Públicas, Professora de Educação Física, Psicomotricista Relacional, Brinquedista, Professora Aposentada da RMENH, Assessora Pedagógica da RMENH (2006 a 2014), Professora da Especialização em Educação Infantil da UNISINOS, Presidente da OMEP/NH, Trabalha com formação de professores e é Pesquisadora do brincar. E-mail: [anerosa2009@hotmail.com](mailto:anerosa2009@hotmail.com)

## SUMÁRIO

<b>1 “1, 2, 3 E JÁ!” .....</b>	<b>5</b>
<b>2 DEFENDER O BRINCAR DAS CRIANÇAS: POSSIBILIDADES QUANDO SONHOS SE ENCONTRAM.....</b>	<b>8</b>
<b>3 UM CONVITE A BRINCAR, SENTIR E VIVENCIAR.....</b>	<b>11</b>
<b>3.1 JÁ PODEMOS BRINCAR? .....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 TRAVESSURAS E DESAFIOS.....</b>	<b>15</b>
<b>4 O QUE AS CRIANÇAS APRENDEM, GANHAM E CONSTROEM EM ESPAÇOS COLETIVOS E NA NATUREZA? .....</b>	<b>18</b>
<b>5. “TEM QUE PULAR QUANDO A CORDA ESTIVER NO CHÃO?” .....</b>	<b>20</b>
<b>6 “AH, JÁ ACABOU? EU NÃO QUERO IR EMBORA!” .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 “1, 2, 3 E JÁ!”<sup>1</sup>

Tudo começou em outubro de 2016, no dia do Professor, saímos para comemorar e, em uma conversa animada com a Veronica Torres, minha amiga e colega de trabalho, percebemos a carência do brincar das crianças nos dias atuais. Nós duas somos professoras formadas em Pedagogia, falamos de sonhos e desafios da nossa profissão. Em um dos sonhos, nossas ideias se cruzaram: eu tinha muita vontade de abrir um espaço de contraturno para as crianças brincarem, e ela de proporcionar mais momentos e possibilidades de brincadeiras. Estávamos pensando em fazer algo para além da escola. Fomos ajustando as ideias para começar o Projeto Ludere, que ainda não tinha nome, mas já tinha um conceito pré-estabelecido e uma data para iniciar, dezembro do mesmo ano.

A palavra “ludere” vem do latim e tem vários significados na língua portuguesa: jogar, brincar, representar, tocar, bailar, dançar, descrever, desenhar, expressar. Huizinga (2004) refere-se em seu livro *Homo Ludens* que existe além do *homo sapiens* e do *homo faber*, mais uma dimensão do humano de igual importância com o raciocínio e o fabrico de objetos: o *homo ludens*, que apresenta a capacidade de brincar. Sobre o assunto, o teórico declara: “Já há muitos anos que vem crescendo em mim a convicção de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. É possível encontrar indícios dessa opinião em minhas obras desde 1903” (HUIZINGA, 2004, prefácio).

O autor traz como característica fundamental do jogo (brincar) a liberdade. Ele menciona que o jogo não é vida real e nem vida corrente, mas sim, uma evasão da vida real. É um recorte temporal.

Percebemos isso no cotidiano escolar quando observamos a brincadeira espontânea das crianças. Muitas vezes, elas chegam a avisar os adultos quando eles ficam preocupados com o desenrolar das cenas que assistem dizendo, “é de brincadeira”.

Através da prática na escola, como professora de Educação Infantil, observei o relato de famílias e pude estimar dados que me levaram a conclusão sobre o excesso do uso de tecnologias: as crianças ficam muito tempo sozinhas, sem

---

<sup>1</sup> Fala da Bianca, 6 anos. Uma das crianças participante do Projeto Ludere.

repertório brincante, não sabem brincar sozinhas e não têm autonomia no brincar, não têm interação com crianças de outras idades e têm pouco contato com a natureza. O que as crianças fazem em momentos livre? E no final de semana? Esses questionamentos me fizeram pensar sobre a ausência do brincar na vida dessas crianças, e como isso é prejudicial para um pleno e saudável desenvolvimento humano.

Eu percebo uma certa nostalgia quando converso com adultos sobre sua infância: relatam maior liberdade para brincar, mais parceiros e mais tempo de brincadeiras e, nas memórias contadas, descrevem espaços como quintais, ruas e praças. Esses mesmos adultos que trazem com brilho no olhar as memórias da infância também relatam uma vida adulta com excesso de trabalho, muitas tarefas para dar conta no dia-a-dia e, com isso, vão deixando de lado investimentos relacionados ao lazer e a possibilidades de criação. Eis aqui um paradigma da vida moderna: estamos sempre pensando no próximo passo, na próxima tarefa, no que ainda temos que fazer, no final de semana que está por vir, enfim, é difícil estar realmente no presente, de corpo e alma, em total consciência individual; e, para brincar, precisamos estar totalmente presentes, sentindo que não estamos fazendo esforço nenhum para sentirmos de uma sensação de prazer.

Não nascemos sabendo brincar, isso se aprende, apesar de ser inerente a todo ser humano, precisamos de outras pessoas para nos constituirmos. Nesse sentido, a brincadeira é essencial para o processo de constituição do bebê junto a sua mãe e cuidadores.

Concomitante, temos também um patrimônio de brincadeiras que foram construídos ao longo do processo de humanização e que as crianças têm direito a conhecer. Para Fortuna (2010, p.114): “O patrimônio lúdico, para se realizar como brincadeira, exige compartilhamento, o que, por sua vez, requer um terreno comum no qual os jogadores consigam se entender”. Por esse motivo, as crianças precisam de tempo e espaço para que a brincadeira aconteça.

A partir dessas reflexões, o Projeto Ludere traz como premissas:

- Resgatar a infância e as brincadeiras tradicionais;
- Ampliar o repertório brincante;
- Proporcionar o contato entre crianças de diferentes idades;
- Proporcionar espaço para as crianças terem autonomia na hora do brincar;

- Ocupar os espaços ao ar livre da cidade, como praças e ruas, agregando crianças e suas famílias em encontros e brincadeiras.

Para dar suporte legal ao presente trabalho, procurei quais leis preservam o direito da criança a brincar. Primeiramente, encontrei os direitos ao brincar na Declaração Universal dos Direitos da Criança, na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e o Adolescente (ECA). A Declaração Universal dos Direitos da Criança, garante que,

A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a actividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objectivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos (ONU, 1959).

Nesse princípio, está explícito que a responsabilidade pela oferta do brincar não está somente nas mãos dos pais ou da escola, e sim de toda sociedade. O mesmo se afirma na nossa Constituição Federal de 1988, no art. 227 que garante o direito ao lazer. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 garante “[...] o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se [...]” (Cap.II, Art. 16, inciso IV).

Somente em 2016 surge o Marco Legal da Primeira Infância, uma legislação mais específica para a primeira infância, trazendo o direito ao brincar da criança em dois artigos:

Art. 5º Constituem áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância a saúde, a alimentação e a nutrição, a educação infantil, a convivência familiar e comunitária, a assistência social à família da criança, a cultura, o brincar e o lazer, o espaço e o meio ambiente, bem como a proteção contra toda forma de violência e de pressão consumista, a prevenção de acidentes e a adoção de medidas que evitem a exposição precoce à comunicação mercadológica.

Art. 17. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades (AVANÇOS DO MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA, 2016).

Esses dois artigos, especificamente, colocam responsabilidades para as famílias e o poder público diante dos direitos das crianças, de forma explícita e detalhada.

Este trabalho, que leva em consideração a importância e a necessidade do brincar na vida das crianças, se volta ao relato de experiência de um projeto que garante a recuperação de espaços de encontros e brincadeiras.

Com esse enfoque, dentro de variados conceitos de criança, valho-me do seguinte:

[...] a imagem das crianças como ricas, fortes e poderosas. A ênfase é colocada em vê-las como sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente com necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidade, capacidade de maravilhar-se e o desejo de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se. Sua necessidade e direito de comunicar-se e interagir com outros emerge ao nascer e é um elemento essencial para a sobrevivência e identificação com a espécie (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p.114).

Ao longo do trabalho irei apresentar o Projeto Ludere; a estrutura, a organização, as diferentes formas de organização (em local fechado e sem as famílias, na praça e na rua, ambos com as famílias), além de discorrer sobre a importância do brincar, dos direitos referentes a isso e o que significa o brincar na infância.

## **2 DEFENDER O BRINCAR DAS CRIANÇAS: POSSIBILIDADES QUANDO SONHOS SE ENCONTRAM**

A ideia do Projeto Ludere é ser um espaço para além do que a escola propõe. Na escola, nem sempre há tempo de brincar, muitas vezes, nós, professoras, somos engolidas pelo tempo do relógio, que nos guia e cria regras para todos os momentos. Tem hora para tudo encaixado nas gavetas dos períodos fechados. Isso não é só no Ensino Fundamental, na Educação Infantil também pecamos nesses padrões.

Como não está fixado em um único lugar, o Projeto Ludere pode acontecer onde se desejar: o que existe é a ideia, afinal de contas, todos os lugares podem ser apropriados à brincadeira. Nesse sentido, “[...] é fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às



aprendizagens” (TIRIBA, 2010, p.9). As “crianças de apartamento”<sup>2</sup> são o nosso foco do Projeto justamente por encontrarem-se em uma cidade grande.

Percebi através da minha vivência que algo faltava, talvez o contato maior com outros espaços, lugares possíveis para a brincadeira. Busquei inspiração na minha própria infância: Eu nasci em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, tive uma infância livre, ia a pé e sozinha para a escola com seis anos, era apenas duas quadras da minha casa. Morava em uma casa, podia brincar tranquila com as crianças da vizinhança, frequentava os clubes da cidade, por conta dos meus pais jogarem bocha e bolão, estava sempre com muitas crianças ao meu redor e elas tinham diferentes idades, ninguém ficava supervisionando nossas brincadeiras, nós só procurávamos um adulto quando não conseguíamos resolver os problemas sozinhos, procurar os adultos era sempre a última opção. Eu não olhava televisão, sempre achei tedioso ficar parada. O pátio da minha casa não era grande, mas tinha árvores, muitas plantas e terra, adorava brincar de fazer comidinha de faz de conta com esses elementos da natureza.

Contei um pouco das minhas referências de infância para sinalizar de onde eu vim e indicar para onde quero levar as proposições do Projeto Ludere. Não posso desejar que todas as crianças tenham as mesmas experiências que eu tive, mas consigo perceber quão pouco as crianças que moram em uma cidade grande, no caso Porto Alegre, têm a possibilidade de brincar na rua, de ter um pátio para poder fazer as suas experiências, de ter a liberdade de poder brincar, de ter contato com crianças de diferentes idades.

O medo é uma característica da zona urbana, e se tornou um fenômeno ampliado e utilizado para justificar os loteamentos murados, condomínios fechados, praças cercadas e o afastamento das ruas. Desde a década de 70, o discurso capitalista se tornou mercadoria e afastou as pessoas do convívio social e paralelamente as crianças do brincar por brincar em espaços públicos. Esse crescente isolamento socioespacial levou para a escola a carga do brincar, mas a escola não consegue atender a toda essa demanda.

---

<sup>2</sup> Expressão usada para crianças, geralmente de cidades grande, que moram em apartamentos e usufruem de pouco espaço para brincadeiras e têm pouco contato com outras crianças, por consequência disso, ficam demasiado tempo nos eletrônicos.

A rua, um espaço público no qual se atende o direito (da pessoa) de ir e vir, se tornou apenas um lugar para veículos, esquecendo-se até mesmo os ciclistas e pedestres. E as praças se tornaram mercadorias, como revela Serpa (2016, p. 155):

Despolitizado e segregado, o que chamamos hoje de espaço público é, em última instância, também objeto de consumo e expressão de modismos, espaço do lazer e da diversão de indivíduos, grupos/classes e frações de classe que dele se apropriam de modo territorializado e segregacionista.

O Projeto Ludere acredita que ao compartilhar brincadeiras se possibilita uma forma de perpetuar e aumentar o repertório brincante das crianças, além de desmistificar o acesso às ruas e às relações no espaço público.

As crianças menores aprendem novas brincadeiras com os maiores e os maiores fortalecem a autonomia diante dos outros e do meio. Na nossa sociedade contemporânea, o brincar perdeu valor, de acordo com Verden-Zöller (2006, p.198):

Também criamos tais dificuldades para o crescimento de nossas crianças como seres sociais normais quando perdemos a capacidade de brincar. Fazemos isso quando mergulhamos em preocupações com o futuro e o passado, e assim nos desencontramos dos outros – em especial de nossos filhos –, por não vê-los precisamente porque nossa atenção está em outra parte.

O cenário que se encontra atualmente é de uma família onde afazeres ou tecnologia engolem vozes, olhares, sentimentos, proximidade... Ninguém tem tempo no presente, estão todos focados no futuro e no amanhã. Essa escassez humana causa vazios, vazios urbanos de relações humanas. A família é o primeiro ambiente potencializador dessas relações, a partir desse núcleo, a criança interpreta o mundo.

Muitos acreditam que a escola é o lugar de brincar, mas nem sempre se consegue equilibrar o desejo das crianças com propostas pedagógicas. Muitas escolas já na educação infantil estão planejadas para atender os critérios das universidades. Isso torna incalculável a perda no desenvolvimento da criança com a cultura das infâncias: “[...] em alguns centros urbanos, a concorrência para conseguir o melhor jardim de infância é tamanha que as crianças passam por provas de seleção para disputar uma vaga” (KEN, 2012, p. 67).

É pensando nessa problemática que o tempo de brincar da infância precisa ser resgatado e evidenciado. E tendo isso em mente, o Projeto Ludere questiona e

movimenta ações de respeito e preservação das infâncias, de vivenciar o brincar e o sentir.

Uma tarde, mesmo que com tempo determinado de 4 horas, é um mergulho intenso na cultura do brincar: São brincadeiras de roda, exploração de brinquedos tradicionais da nossa cultura infantil, desafios de dar voz às crianças, de se relacionarem com os outros, de perceberem o espaço, a natureza e as diferentes possibilidades de criação. Essa energia do brincar é muito presente e viva nos movimentos das crianças, nas reações, falas, gritos, choros, sorrisos e expressões, entendendo esses movimentos como reivindicações, manifestos do existo e preciso brincar: “Portanto, todo o viver humano consiste na convivência em conversações e redes de conversações” (MATURANA, 2006, p.31).

Logo, o brincar é um encontro consigo, com o outro e com o meio. Ocupar espaços, oportunizar a brincadeira é urgente e se faz necessário que todos estejam atentos ao tempo da infância e ao que se oferece para a criança como espaço/tempo do brincar.

### **3 UM CONVITE A BRINCAR, SENTIR E VIVENCIAR**

O Projeto Ludere surgiu como um sonho e com um intuito: o de proporcionar mais momentos e espaços para o brincar. Com o passar dos encontros, foram aparecendo outras inspirações e novas ideias, e, no final de um ano de existência, tínhamos três maneiras de organização, as quais irei apresentar a seguir.

A primeira organização foi a que realizamos com maior frequência, os encontros foram em uma escola de Educação Infantil, situada na zona norte de Porto Alegre. Alugamos o espaço mensalmente, aos sábados à tarde com duração de quatro horas, das treze às dezessete horas. As famílias deixavam as crianças e só voltavam ao final, para buscá-las. Nossa divulgação foi feita através das redes sociais e por indicação das famílias que nos conheciam. As inscrições foram feitas por e-mail e se encerravam na quinta-feira anterior ao encontro. O pagamento se dava no dia em que o Projeto acontecia. Nessa modalidade, necessitamos realizar

uma cobrança financeira para que pudéssemos comprar os materiais e o Projeto se subsidiar. As demais modalidades oferecemos gratuitamente. Havia um número mínimo de oito e no máximo de vinte crianças para que o Projeto acontecesse e para que se pudéssemos atender adequadamente as necessidades individuais dos participantes que tinham de três a nove anos de idade. Cada encontro foi diferente do outro, apesar de ocorrerem na mesma estrutura, as propostas eram variadas.

No primeiro momento, recebemos as crianças na pracinha, que se localiza na parte da frente da escola, ficamos ali quinze minutos, aguardando a chegada de todos. Após, nos encaminhamos até o pátio interno, que chamamos de campinho, e iniciamos a nossa primeira roda:



Foto: Veronica Torres

Cada um falou seu nome, sua idade e o que mais gostava de brincar. Depois, foram feitas as seguintes combinações para que ocorresse tudo bem no decorrer da nossa tarde: “Têm brincadeiras para todos; precisamos respeitar os amigos, cuidar de si e dos outros; teremos brincadeiras escolhidas pelas professoras e também brincadeiras livres, que as crianças decidem; todos precisam sempre enxergar as professoras; ouvir atentamente para que dê tempo de brincar de tudo”.

### 3.1 JÁ PODEMOS BRINCAR?

Com as combinações feitas, estávamos prontos para começar a brincadeira. As crianças estavam alegres e desejavam começar a tarde de brincadeiras. As que já haviam participado sabiam como o encontro iria prosseguir e nos ajudavam a falar as combinações para os novos integrantes, mesmo sabendo que sempre tinha alguma novidade. As que estavam chegando ao grupo pela primeira vez pareciam estar mais ansiosas, ainda mais quando não tinham contato direto comigo ou a Veronica. Iniciávamos com brincadeiras tradicionais como o Pega-Pega Tradicional e suas variações (Pega-Pega Estátua e Pega-Pega Corrente) e também alguma brincadeira de roda ou música.

Planejamos os encontros geralmente no início da semana que o Projeto se realiza, conforme as inscrições são feitas, pensando no grupo de crianças que se forma. A Veronica e eu sempre planejamos juntas e buscamos inspiração nos livros, em artistas, nas nossas vivências, e também em sites na internet. Nos encontros, cada momento foi pensado com uma intencionalidade, e, para que fique divertido e harmonioso, procuramos intercalar uma atividade dirigida e outra mais livre. Por esse motivo, há instantes fixos, como a Caixa de Brinquedos, dentro dela tem: pés de lata, pião, elástico, bola, bambolê, peteca, vai-e-vem, pega-bola, sacos de corrida, cinco marias, perna de pau.





Fotos: Andrele Cerentine e Veronica Torres

Além de pensar nesse momento como um espaço para o brincar livre, é uma forma de perpetuar essas brincadeiras, para que elas continuem vivas fazendo parte da cultura lúdica das crianças:

Essa cultura lúdica não está fechada em torno de si mesma; ela integra elementos externos que influenciam a brincadeira: atitudes e capacidades, cultural e meio social. Os brinquedos se inserem nesse contexto. [...] o brinquedo se insere na brincadeira através de uma apropriação, ou seja, deixa-se envolver pela cultura lúdica disponível, usando práticas de brincadeiras anteriores (BROUGÉRE, 2000, p.51).

Brougère (2016, p.26), declara que “[...] a criança adquire, constrói uma cultura lúdica brincando [...]”, e não apenas reproduzindo igualmente como aprendeu, ela tem a liberdade e outras referências para complementar as brincadeiras:

A cultura lúdica está impregnada de tradições diversas: nela encontramos brincadeiras tradicionais no sentido estrito, porém talvez mais estruturas de brincadeiras reativadas, elementos, temas, conteúdos ligados à programação infantil ou à imitação dos colegas ou dos mais velhos (BROUGÈRE, 2000, p.59).

Todos aprendem juntos: não é só o repertório brincante das crianças que se expande, o nosso também, que como professoras continuamos a compartilhar as brincadeiras que aprendemos em cada encontro do Projeto, com as crianças que convivemos fora desse espaço.

Nos encontros, planejamos um momento para a alimentação, uma parada para o lanche em que oferecemos pão de queijo, frutas, pipoca e suco de uva. Logo após o lanche, há o momento da história, cada dia é uma história diferente e contada com variados suportes, como por exemplo: teatro de sombras, apenas com o livro, história musicada, através do projetor, uma das crianças participantes (ela se preparou previamente). Em alguns encontros, chamamos convidados especiais que realizam oficinas em suas diversas áreas de atuação, como educador físico, artistas, culinária, músico, escritoras.

Os encontros proporcionam que as crianças tenham contato com a natureza e religando-as a ela e a nós mesmos porque somos natureza. Sempre preparamos um momento em que as crianças possam livremente explorar materiais previamente pensados e organizados, de uma forma esteticamente atrativa com a ideia de, oportunizar sensações e interações, aproximando-as das árvores, da água, das plantas, da terra.

### **3.2 TRAVESSURAS E DESAFIOS**

Como a ideia é que os nossos encontros sejam divertidos, também reservamos um espaço para as travessuras. Quem participou de mais de um Projeto, já chegava esperando e perguntando o que iríamos fazer de travessura no dia, é um dos momentos preferidos de todos. Já brincamos de guerra de bexiguinha, festa das tintas, tiro ao alvo com papel higiênico molhado, neve de espuma, estalinho, vela de chuveirinho.

Analisando os vídeos que fizemos durante as brincadeiras, resgatei algumas falas das crianças:

B. (6 anos): *“Olha só eu to todo maneiro, todo sujo!”*, durante a brincadeira da festa das tintas, que era pó colorido. Colocamos dentro de balões pendurados e eles tinham que estourar.

R. (7 anos): *“Isso aí cai e não machuca!”*, durante a brincadeira com a vela de chuveirinho, pois a faísca caía na mão e não queimava.

M. (4 anos): *“Você é muito corajosa!”*, também, durante a brincadeira com a vela de chuveirinho.

Um dos nossos objetivos é proporcionar espaço para que as crianças tenham autonomia no brincar, para contemplar isso, foi pensado o momento do desafio. Separamos as crianças em dois grupos e pedimos que eles conversem e escolham uma brincadeira para brincar, primeiramente no pequeno grupo e depois precisam explicar e ensinar para o outro grupo. A nossa intervenção enquanto adultas é ajudá-los a organizar os dois grupos e explicar a nossa proposta, depois disso a gente conversa com eles para saber se já estão prontos para juntar os dois grupos. Procuramos não intervir para que, justamente, eles tenham a autonomia, porém ficamos perto para dar algum apoio, se necessário.

Depois de tudo isso, chega-se ao final da tarde que começou com uma roda inicial e termina com a roda final. Retomamos todos os momentos, perguntamos o que cada um mais gostou e com a ajuda deles, preparamos o “kit”, que é uma pequena lembrança do Projeto Ludere. Os “kits” eram sempre alguns elementos e materiais que havíamos usado no dia e que representavam recortes das atividades, com a finalidade da brincadeira continuar em casa.

Alguns “kits”:





Fotos: Veronica Torres

No final, depois de tudo organizado, esperávamos os pais na pracinha, um tempo a mais para brincar com os amigos.

A forma de organização relatada acima é referente ao espaço fechado e sem a participação das famílias. Porém sentimos a necessidade das famílias participarem junto, para fortalecer a ideia da importância do brincar, também para fortalecer os vínculos, não só com os pares, mas também com os familiares. Além disso, dentro da cidade, temos as praças que proporcionam contato maior com a natureza, espaço perfeito para que a brincadeira aconteça.

A partir disso, surgiu a ideia de fazer a edição “Projeto Ludere na Praça”. Lá, o nosso papel foi o de proporcionar os brinquedos e aumentar o repertório das crianças com brincadeiras que os adultos pudessem participar, fazendo com que a criança que mora dentro de cada um de nós aparecesse, que as memórias afetivas fossem trazidas à tona por parte dos adultos e que as crianças pudessem criar as suas. E, no final, fizemos um piquenique para compartilhar não só o alimento, mas também os ótimos momentos que passamos juntos.

Com a chegada do mês de outubro, em que comercialmente é tido como o mês da criança, pensamos em fazer algo diferente. Queríamos ocupar outros espaços. Foi então que lembramos que aos domingos algumas ruas da cidade são

fechadas para o lazer da comunidade. Escolhemos um corredor de ônibus, após uma visita prévia, pois percebemos que era pouco utilizado pelos moradores e seria uma ótima escolha de espaço para ser ocupado em nossos encontros e brincadeiras. Para esse dia, convidamos os parceiros de brincadeiras do Projeto para realizarem as oficinas.

Foram essas três formas de organização nas quais o Projeto Ludere proporcionou momentos brincantes em diferentes espaços que toda cidade fornece. Para que o Projeto ocorra, basta ter pessoas dispostas a brincar.

#### **4 O QUE AS CRIANÇAS APRENDEM, GANHAM E CONSTROEM EM ESPAÇOS COLETIVOS E NA NATUREZA?**

Ao planejar, estudar e executar o Projeto Ludere, senti a necessidade cada vez maior de explorar os elementos da natureza. Percebi, em um momento de livre exploração, o quanto as crianças ficavam envolvidas e conectadas com os materiais. Durou por volta de quarenta minutos, foi silencioso, foi intenso, foi profundo e, pelo menos para mim, foi inspirador.



Fotos: Veronica Torres

Sempre tínhamos momentos mais introspectivos, mas esse, em especial, tocou-me mais. Isso corrobora com a essência do Projeto que busca também uma

ligação mais intensa com a natureza, pois acredito que “[...] quanto maior afinidade a criança desenvolve com eles (elementos da natureza), mais acesso ela tem ao próprio corpo, sua tarefa de moldá-lo durante a primeira infância torna-se mais efetiva, dando-lhe a sensação de bem estar” (LAMEIRÃO, 2007, p.51).

O desenvolvimento da criança está relacionado com as interações dela ao longo do seu crescimento. Por exemplo, segundo a autora citada acima, a partir dos três anos as crianças amadurecem a capacidade de perceber a sua movimentação e “[...] se o movimento é tolhido e a percepção tranquila é comprometida, a imaginação não surge com tanta intensidade” (LAMEIRÃO, 2007, p.17).

A imaginação, por sua vez, vem com mais intensidade aos quatro anos, junto com a fase da repetição e da interação com o outro. Para que a imaginação ganhe força e continuemos a evoluir, a natureza está inteiramente a nossa disposição para nos ajudar, de acordo com Piorski (2016, p.19):

Imaginar pelo fogo é criar imagens e narrativas quentes, calóricas, agitadas, guerreiras, apaixonadas, acolhedoras (se fogo íntimo) e amorosas. Imaginar pela água faz vicejar uma corporeidade fluida, entregue, emocional, saudosa e até melancólica, cheia de sentimentos, lacrimosa pela alegria ou pela saudade. Imaginar pelo ar é construir uma materialidade das levezas, da suspensão, dos voos, fazer brinquedos expansivos, com coisas leves, penas, setas, sublimações do brincar. Imaginar pela terra é fazer coisinhas enraizadas no mundo, na vida social, no interior das formas, buracos, miniaturas, esconderijos, numa busca pela estrutura da natureza.

Completaria dizendo que também seria uma busca pelo sentido de estarmos nesse mundo, mesmo que de uma forma inconsciente ainda.

Muitas escolas ainda concentram suas atividades dentro das salas e isso impede que as crianças aprendam com os espaços abertos em contato com a natureza e deixem de se beneficiarem com os espaços para correrem, contemplarem as riquezas que a natureza ao nosso redor nos proporciona:

As atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que se relacionam ao estado de espírito porque colocam as pessoas em sintonia com um sentimento de bem-estar, em que há, portanto, equilíbrio entre o que se faz e o que se deseja fazer. Um dos efeitos do manuseio de barro, da areia, da argila é o de proporcionar esse equilíbrio (TIRIBA, 2018, p.202).

Partindo da experiência deste Projeto, percebi a necessidade urgente, como educadores, de resgataremos essa conexão das crianças com a natureza que nos é

inata como seres humanos, nascemos com esse impulso: “[...] o desejo de estar ao ar livre, o interesse das crianças pelos animais, pela água, pela terra, revelariam a necessidade e a satisfação de estar no lugar que lhes é de origem: a natureza.” (TIRIBA, 2018, p.189).

Quando adultos, também buscamos equilíbrio em meio à correria do dia-a-dia, geralmente quando tiramos férias, procuramos ir ao encontro de um lugar tranquilo, geralmente perto da natureza. Porque não proporcionar às nossas crianças mais momentos assim, para que ela elas tenham dentro de si um lugar para recorrer quando se encontrarem agitadas?

Extrapolando o compromisso com a transmissão de conceitos via razão e buscando abranger outras dimensões – corporais, espirituais, emocionais, estéticas – necessitamos de uma educação infantil ambiental que assuma os sentidos como fontes de prazer, felicidade e conhecimento. Essa perspectiva inclui os caminhos da arte, caminhos que passam pelo contato estrito e íntimo com a beleza dos céus estrelados, com os mistérios de trovões e tempestades; caminhos atentos às manifestações da natureza animal e vegetal, que incentivam as crianças a recriá-las singularmente por meio de desenhos, pinturas, esculturas em areia e barro; que podem ser dançadas, musicadas, dramatizadas, representando diversas formas de expressão humana (TIRIBA, 2010, p.9).

Dessa forma, acredito que o Projeto Ludere venha colaborar com a saúde integral das crianças, pensando não somente no prazer que a brincadeira proporciona, mas em um todo: no prazer imediato que se vive no presente e também no prazer que deixará marcas no futuro que serão de grande importância para o seu desenvolvimento enquanto pessoa.

## **5. “TEM QUE PULAR QUANDO A CORDA ESTIVER NO CHÃO?”<sup>3</sup>**

Ao projetar a ideia do que viria a ser o Projeto Ludere, uma das minhas inquietações era a percepção da ausência do brincar na minha ainda pequena trajetória de professora. Foi essa inquietação que me levou a pensar em uma forma de fazer alguma diferença para a vida das crianças. Na rotina de sala de aula, nem

---

<sup>3</sup> B., 5 anos, aprendendo a pular corda.

todo professor prioriza o tempo para a brincadeira e as atividades dirigidas tomam conta do tempo livre das escolas. Lendo um texto de Larrosa (2002), deparei-me com a sua fala de que um dos inimigos da experiência<sup>4</sup> é o tempo, a aceleração do tempo, a falta do silêncio. Na vida de crianças pequenas, também percebo os horários fragmentados por períodos e adultos apressando os momentos da rotina que poderiam ser mais aproveitados e experienciados pelos pequenos.

No vídeo “Território do Brincar: diálogo com escolas” (2015), Telma Scott discorre (00:24:45):

Eu acho que ele chega desconstruindo algumas percepções que professores têm a cerca do brincar. Muitas vezes o brincar é assim, eu vou e ensino brincadeiras. Eu vou brincar de corre-cotia, vou trazer as brincadeiras tradicionais para as crianças, que é importante. Mas não deixa que a criança brinque, explore o que as crianças têm ao redor delas. Então, ficam sempre as brincadeiras dirigidas, onde não consegue ver as necessidades das crianças.

Essa foi uma preocupação do Projeto Ludere: convidar para o brincar e depois oferecer espaços de liberdade, para que as crianças possam ser protagonistas de suas próprias ações no brincar. Construir autonomia, encorajá-las em seus processos criativos, ajudando-as a perceberem inúmeras possibilidades corporais, numa relação com o meio e com seus pares.

Há no ser humano desde seu nascimento, a dimensão lúdica, como afirma Huizinga (2004). Na criança, essa dimensão é a forma mais potente de relação e de comunicação com o mundo. O brincar é a sua linguagem por excelência. Mas, o que vemos na sociedade atual é um enfraquecimento desse tempo precioso por conta de uma aceleração e de uma antecipação de modos de ser criança. Ler e escrever o mais cedo possível, assim como as agendas cheias de compromissos, sendo impedida de se perceber potente, criadora e imaginativa.

Sandra Eckschmidt, no vídeo “Território do Brincar: diálogo com escolas”, (00:42:02), salienta que:

Na verdade, o quanto o professor está trabalhando, só querendo fazer aquela coisa de atividade, interferindo no movimento da criança. Será que você está fazendo isso mesmo? Será que você está deixando ser criança, ser como ela está aí para ser, ou dentro da sua pedagogia de alguma forma

---

<sup>4</sup> Faço uso do termo “Experiência” baseada em Larrosa (2002, p. 21), que expõe que “[...] experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.



tem um modelo bem definido? O educador é treinado para sempre interferir. O filme “Território do Brincar” quer dizer, se recolha.

Essa ideia é exatamente o que acontece nos espaços escolares das maiores metrópoles, o tempo do brincar fica reduzido ao recreio, que é mais uma parada para lanche, pois quando a criança começa a brincar, acontece o corte, e aí vêm outra turma, outras crianças. E, na sala de aula, sobra pouco espaço e pouco tempo, tem projetos para serem cumpridos e apresentados futuramente. As crianças pouco vivem, pouco curtem e pouco apreciam o presente. Pois, a cena em casa é ou ficar com os eletrônicos, ou ter uma manhã de atividades extracurriculares. A partir disso, reflexão que se faz é: Em que momento a criança respira? Essa reflexão traz à tona a fala de Lydia Hortélio no filme Tarja Branca (00:18:30): “Se os meninos não brincam, eles ficam diminuídos nas possibilidades de manifestação”. E ela completa (00:25:52), “Eu estou pela revolução que falta, que é a revolução da criança. Essa que vai nos tirar desse mal-estar, dessa tristeza generalizada que você sente nas pessoas, dessa falta de alegria que a gente está vivendo”.

Por isso, o convite para o brincar do Projeto Ludere é um movimento de despertar, não só para as crianças, mas também para os adultos. Esse movimento de desacomodar e entender a urgência que é o brincar não é fácil, mas é possível. Começamos com crianças conhecidas, famílias que já construíram confiança nos adultos que desenvolvem o projeto. Depois, percebemos que mais timidamente chegam famílias que buscam oferecer o brincar e a convivência coletiva para seus filhos e também divulgam para outras pessoas o Projeto, construindo assim uma rede aonde as barreiras vão desaparecendo e um novo território brincante se constitui.

Existe também uma recusa muito forte que cega muitas famílias. Ana Lúcia Villela retrata isso muito bem no filme Tarja Branca (00:24:40):

Ah, está querendo voltar ao tempo, eles estão atrasados. Que história é essa do brincar, brincante, cultura popular, brincadeiras. Não, o mundo mudou! A gente tem que pensar para frente. Acho que tem isso muito forte, tem muita gente que acha que o resgate do brincar é uma volta ao tempo não inteligente, sabe. E aí, quando você vê os caras da Silicon Valley, na Califórnia, que fazem os Googles da vida, da Apple, se você vir como eles dão educação para os filhos, ou na própria empresa... Eles querem natureza, madeira, contato, eles querem garantir que essa infância aconteça do jeito mais livre possível, de eletrônicos e comunicação de massa, cultura de massa e etc. Porque obviamente eles perceberam que

essas crianças são crianças mais criativas, que vão inventar coisas mais interessantes.

Percebemos a cada edição do Projeto Ludere que as crianças transmitem em suas dinâmicas de movimento expressão, respiro, tranquilidade, criatividade, diálogo, imitação, disputas, personagens que assumem numa entrega verdadeira. Percebemos nas famílias uma sensação de tranquilidade por oferecermos aos seus filhos essa oportunidade de estarem num espaço de interação, de brincadeira e de saúde. As crianças voltam leves para casa. Essa leveza de criança deveria acontecer sempre, em casa, nas escolas e em todos os lugares que elas escolherem para brincar.

É potencializando a criança que se permite que ela explore o meio, que ela desperte e veja que o brincar faz bem e sinta esse movimento para outras criações e potências da vida. Esse experienciar intensamente o presente é uma oportunidade única e deve ser entregue as crianças: “Brincar não é de maneira nenhuma uma preparação para ações futuras: vive-se o brincar quando ele é vivido no presente” (MATURANA, 2006, p. 241). Quando se descobre esse espaço a revolução acontece!

## **6 “AH, JÁ ACABOU? EU NÃO QUERO IR EMBORA!”<sup>5</sup>**

Comecei o relato falando de sonho e sigo falando da satisfação de olhar para um caminho construído com desejo, oportunidade, sensibilidade e com uma amiga parceira e profissional para encarar esse desafio.

Planejar cada encontro, ver o brilho nos olhos das crianças a cada proposta sugerida, proporcionar grande emoção e a certeza de que se está fazendo a escolha certa. É urgente o movimento pela defesa do brincar das crianças, de dar o tempo para que a brincadeira aconteça, de levar as crianças para ocupar os espaços públicos e brincar junto, de oportunizar o brincar entre diferentes idades, de deixar as crianças brincarem sozinhas, concentrados em suas invenções. Isso tudo é

---

<sup>5</sup> Fala do G., 5 anos. Uma das crianças participante do Projeto Ludere.

sustentar uma infância alegre e potente. Possibilitar e reservar tempo para brincar é uma questão de respeito para com nossas crianças.

Todas as ações mencionadas colaboram para que as crianças cresçam plenas, criativas, autônomas, que saibam conviver e respeitar os outros e as suas diferenças, que saibam tomar decisões, lidar melhor com seus sentimentos, respeitar a natureza, enfim, as aprendizagens são muitas, pois brincar é aprender.

Para que tudo isso aconteça, precisamos de adultos dispostos a garantir o direito de brincar das crianças e o acesso ao patrimônio lúdico, traduzido por inúmeras possibilidades de brincadeiras. Não somente os professores precisam ter essa consciência, mas sim toda a sociedade. Ao cuidarmos de ambientes saudáveis para nossas crianças, teremos ambientes saudáveis para adolescentes, adultos e idosos. A infância é um período precioso na vida de cada criança. Investir nessa fase, sustentando inúmeras possibilidades de brincadeiras e convívios saudáveis entre crianças e adultos, deixará marcas positivas para sempre.

Vamos fazer um combinado? Vamos fazer movimentos potentes, alegres, criativos, festivos e brincantes, para que todas as crianças possam ter uma infância recheada de protagonismo através da possibilidade de brincar, construindo memórias afetivas que marquem suas vidas positivamente?

Projeto Ludere - Uma experiência que convida!

“Ah, já acabou? eu não quero ir embora!”.



## REFERÊNCIAS

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo - SP: Cortez Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. Criança e a Cultura Lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo - SP: Cengage Learning, 2016.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre - RS: Artmed, 1999.

Centro de Estudos e Debates Estratégicos, Câmara dos Deputados. **Avanços do Marco Legal da Primeira Infância**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/altosestudios/pdf/obra-avancos-do-marco-legal-da-primeira-infancia>>. Acesso em 9 de nov. 2018.

FORTUNA, Tânia Ramos; OLIVEIRA, Vera Barros de; SOLÉ, María Borja i. **Brincar com o outro: caminho de saúde e bem-estar**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

GANDHY, Piorski. **Brinquedos de Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo - SP: Peirópolis, 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. O jogo como elemento da cultura. São Paulo - SP: Perspectiva, 2004.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança Brincando! Quem a Educa?**. São Paulo - SP: João de Barro Editora, 2007.

KEN, Robinson. **Libertando o Poder Criativo**. São Paulo - SP: HSM Editora, 2012.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo - SP: Palas Athena, 2006.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos das Crianças**. Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c\\_a/lex41.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm)>. Acesso em 5 jul. 2018.

SERPA, Angelo. Segregação, Território e Espaço Público na Cidade Contemporânea. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo - SP: Contexto, 2016.

**Tarja Branca: A revolução que faltava**. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Juliana Borges. São Paulo - SP: Maria Farinha Filmes, 2014. <<https://www.youtube.com/watch?v=Yls6vrqwtCg>>. Acesso em 4 nov. 2018.

**Território do Brincar: diálogo com escolas**. Direção: David Reeks Renata Meirelles. Produção: Estela Renner, Marcos Nisti, Luana Lobo. São Paulo - SP: Instituto Alana, 2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=xTapOP0YmpE>>. Acesso em 4 nov. 2018.

TIRIBA, Léa. **Crianças da Natureza**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte - MG, novembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro/São Paulo – RJ/SP: Paz e Terra, 2018.